



XXX ProfMat e o XXV SIEM

Uma visão, uma experiência e alguma esperança...

O SIEM voltou à cidade de Braga e, felizmente, reencontrou-se com o ProfMat num dia em que a investigação e a prática dividiram o mesmo espaço de partilha e aprendizagem na Escola Secundária de Alberto Sampaio.

Como é tradição, estes dois encontros apresentam elevado número de sessões, muitas das quais em paralelo, o que nos obriga, muitas vezes, a difíceis decisões. O que aqui apresento é um breve testemunho do que vivi nestes dias de trabalho, partilha e aprendizagem em Braga. É um texto que pretende mostrar a minha experiência, onde, infelizmente, cabe apenas uma pequena parte do muito que se passou nestes 4 dias.

Passando aos acontecimentos concretos, começo por relembrar a conferência plenária, *Uma experiência de ensino centrada na multiplicação: Especificidades e desafios* realizada por Fátima Mendes, da Escola Superior de Educação de Setúbal. Um pouco diferente do habitual, esta conferência centrou-se nos aspetos metodológicos da investigação numa experiência de ensino. Efetivamente a *design research* é uma abordagem metodológica que tem vindo a merecer enorme reconhecimento por parte da investigação nacio-

nal e internacional. Esta conferência ajudou-nos a perceber melhor as suas características e potencialidades, por um lado, e por outro lado mostrou-nos também os desafios que coloca a investigadores e professores, no contexto de um trabalho colaborativo. É de recordar ainda o enorme envolvimento que houve na discussão com o grande grupo, particularmente sobre a definição da conjectura que está por detrás desta abordagem.

De um ponto de vista dos meus interesses e preocupações como investigadora e, especialmente, como professora recordo ainda algumas ideias da conferência plenária, *Visualización y razonamiento. Creando imágenes para comprender las matemáticas*, proferida por Inés M^a Gómez-Chacón, professora da Facultad de Ciencias Matemáticas, Universidad Computense de Madrid. Começo por destacar a importância da partilha que nos permitiu, ainda que resumidamente, perceber o que são as preocupações da investigação no país vizinho e conhecer um pouco do elevado número de projetos em que esta investigadora está envolvida. Na sua conferência plenária destacou a questão do papel da visualização no desenvolvimento do raciocínio e da valorização



de diferentes representações e da intuição, questionando desta forma o papel das abordagens puramente formais. Feliz ou infelizmente há muito tempo que esta questão não era tão pertinente como nos dias que correm com a implementação das novas orientações curriculares que seguem uma abordagem exclusivamente formal, desvalorizam a intuição e a compreensão em detrimento da memorização e aplicação de procedimentos.

Sem ser exaustiva, mas numa tentativa de deixar presente um pouco do (muito) que se discutiu, lembro agora alguns dos temas trazidos à agenda pelos simpósios temáticos (1) Resolução de Problemas no ensino e aprendizagem da Matemática; (2) Números e Geometria nos primeiros anos de ensino básico; (3) Conhecimento profissional do futuro professor de Matemática; (4) Práticas profissionais do professor de Matemática; (5) Educação Matemática e Cidadania; (6) Currículo de Matemática: Diferentes perspectivas; (7) Formação de professores de Matemática; e (8) Aprendizagem da Matemática.

Para recordar que «estávamos no bom caminho...» retomo agora o painel plenário *Para evitar o desastre no ensino da Matemática* moderado por Henrique Guimarães, do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa e onde participaram João Pedro da Ponte, também do IE da UL, que nos mostrou como estávamos a melhorar e o reflexo disso nos resultados obtidos no TIMSS 2011 e PISA 2012. Ana Cristina Tudella, do Agrupamento de Escolas de Fr. Gonçalo de Azevedo, foi o rosto das dificuldades que os professores e alunos vivem hoje nas escolas com a implementa-

ção do PMEB homologado em 2013. Jaime Carvalho e Silva, do Departamento de Matemática, FCT — Universidade de Coimbra lembrou-nos o desastre da proposta do «novo» programa de Matemática A para o ensino secundário. Por fim, Leonor Santos, do IE da UL mostrou-nos «um olhar da investigação em educação matemática sobre o que está a acontecer no ensino desta disciplina». Investigação esta que está na base do bom caminho que estávamos a trilhar... mas que permanece desconhecida por quem «decide» hoje as políticas educativas que nos «cortam» o trilho. Por isso, foi com certa nostalgia e enternecimento que ouvi Sérgio Niza falar da «situação paradoxal da profissão docente» e valorizar de forma quase poética o papel «indispensável» do professor lembrando também o investimento que é necessário (re) fazer na educação.

No fundo estas comunicações deixaram-me num misto de sentimentos e emoções, por um lado a tristeza de constatar o «desastre» que se avizinha no ensino da Matemática, mas por outro lado também a vontade de tentar inverter esta situação e de encontrar estratégias para «combater» e/ou contornar todos estes constrangimentos, porque sabemos que existem «novos rumos, novas formas, de apostar... que não estamos sós e que vale a pena estarmos aqui» como nos recordou o coro da Escola Secundária de Alberto Sampaio numa excelente interpretação do Hino da APM.

MARISA QUARESMA

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA